

DESENVOLVIMENTO
SUSTENTÁVEL
o desafio do século XXI



COORDENAÇÃO

Maria Alzira Brum Lemos

CONSELHO EDITORIAL

Bertha K. Becker

Candido Mendes

Cristovam Buarque

Ignacy Sachs

Jurandir Freire Costa

Ladislau Dowbor

Pierre Salama

José Eli da Veiga

DESENVOLVIMENTO
SUSTENTÁVEL
o desafio do século XXI

G a r a m o n d

Copyright © 2005, José Eli da Veiga

Direitos cedidos para esta edição à
Editora Garamond Ltda.
Caixa Postal: 16.230 Cep: 22.222-970
Rio de Janeiro – Brasil
Telefax: (21) 2224-9088
e-mail: editora@garamond.com.br

Revisão
Cláudia Rubim

Editoração Eletrônica
Luiz Oliveira

Capa
Estúdio Garamond
sobre “Jardins da Tunísia” de Paul Klee

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
do Sindicato dos Editores de Livros

V528d

Veiga, José Eli da, 1948-
Desenvolvimento sustentável : o desafio do século XXI / José Eli da Veiga. -
Rio de Janeiro : Garamond, 2008 3ª ed.
220p. 14x21cm

Inclui bibliografia
ISBN 85-7617-051-5

1. Desenvolvimento sustentável. I. Título.

05-0394.

CDD 338.9

CDU 330.1

Todos os direitos reservados. A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

Agradecimentos

A exclusiva responsabilidade do autor sobre o conteúdo deste livro não deve ocultar a generosa colaboração de muita gente, além do precioso respaldo institucional de diversas organizações.

Nada disto teria sido possível sem o diálogo mantido com as centenas de alunos da USP que frequentaram as disciplinas Introdução ao Desenvolvimento Sustentável (do curso de graduação em Economia, FEA) e Desenvolvimento e Meio Ambiente (do Programa de pós-graduação em ciência ambiental, PROCAM), ao longo dos últimos cinco anos. Dois cursos que não poderiam ter sido sequer propostos sem prévio trabalho investigativo viabilizado pelo apoio dessa insigne organização que é a FAPESP e pelo ambiente de primazia à pesquisa científica que prevalece no Departamento de Economia da FEA-USP.

Na derradeira, e mais difícil etapa – a da redação –, inestimáveis sugestões foram feitas pelo economista e jornalista Thiago Guimarães, pelo sociólogo e doutorando no Procama Arilson Favareto, e pelo agrônomo e doutor em ciência ambiental Eduardo Ehlers. Não houve arrependimento em lhes ter roubado preciosas horas de trabalho e lazer, pois suas observações foram de grande valia para melhorar a exposição, corrigir erros e reduzir omissões.

A essas pessoas e organizações fica registrada especial gratidão, mesmo que estas palavras jamais possam expressar plenamente a intensidade dos sentimentos de respeito e simpatia.

J.E.V.



Sumário

<i>Prefácio - Ignacy Sachs</i>	9
<i>Parte 1 - O que é desenvolvimento</i>	
Como pode ser entendido o desenvolvimento	17
Como pode ser medido o desenvolvimento	83
<i>Parte 2 - O que é sustentabilidade</i>	
Como pode ser entendida a sustentabilidade	109
Como pode ser medida a sustentabilidade	173
<i>Conclusão</i>	185
<i>Bibliografia</i>	211
<i>Sobre o autor</i>	225



Prefácio

Ignacy Sachs

Na segunda metade do século passado, impulsionado pelos processos de descolonização e de emancipação do Terceiro Mundo e pela emergência do sistema das Nações Unidas, o desenvolvimento, um avatar do progresso iluminista, firmou-se como uma das *idées-force* das ciências sociais, configurando uma problemática ampla de caráter pluri e transdisciplinar, atravessada por polêmicas vivas de caráter ideológico e teórico.

Idéia, visão, conceito, utopia? Não creio que devamos nos envolver neste debate semântico. O que importa é deixar bem claro que o desenvolvimento não se confunde com crescimento econômico, que constitui apenas a sua condição necessária porém não suficiente. Como bem disse Celso Furtado num dos seus derradeiros pronunciamentos, “só haverá verdadeiro desenvolvimento – que não se deve confundir com crescimento econômico, no mais das vezes resultado de mera modernização das elites – ali onde existir um projeto social subjacente”.

Por isso, em última instância, o desenvolvimento depende da cultura, na medida em que ele implica a invenção de um pro-

jeto. Este não pode se limitar unicamente aos aspectos sociais e sua base econômica, ignorando as relações complexas entre o porvir das sociedades humanas e a evolução da biosfera; na realidade, estamos na presença de uma co-evolução entre dois sistemas que se regem por escalas de tempo e escalas espaciais distintas. A sustentabilidade no tempo das civilizações humanas vai depender da sua capacidade de se submeter aos preceitos de prudência ecológica e de fazer um bom uso da natureza. É por isso que falamos em *desenvolvimento sustentável*. A rigor, a adjetivação deveria ser desdobrada em socialmente *includente*, ambientalmente *sustentável* e economicamente *sustentado* no tempo.

Tudo indica que a idéia do desenvolvimento não perderá a sua centralidade nas ciências sociais do século que se inicia. Mais do que nunca, precisamos enfrentar as abismais desigualdades sociais entre nações e dentro das nações, e fazê-lo de maneira a não comprometer o futuro da humanidade por mudanças climáticas irreversíveis e deletérias.

No entanto, a problemática do desenvolvimento passou de moda e o seu status acadêmico é cada vez mais marginal. As razões são múltiplas.

A teologia do mercado, que faz hoje a cabeça de muitos economistas, torna redundante o conceito de desenvolvimento.

Por sua vez, os adeptos da ecologia profunda teimam em considerar o crescimento econômico como um mal absoluto, quaisquer que sejam as suas modalidades e os usos sociais do seu produto.

Por fim existem os desencantados do desenvolvimento, que apontam o fracasso bastante geral das políticas que se reclamavam do desenvolvimentismo para justificar o abandono puro e simples do conceito do desenvolvimento, visto por alguns como

uma mera armadilha ideológica inventada por políticos do primeiro mundo para perpetuar seu domínio sobre os países periféricos.

Este fracasso é indiscutível, mas como avaliá-lo sem lançar mão do conceito normativo de desenvolvimento ou, ainda melhor, sem recorrer ao par *desenvolvimento/mau-desenvolvimento* que configura um contínuo de situações possíveis? Sobretudo, como definir políticas de saída do mau-desenvolvimento reinante na ausência de um projeto de desenvolvimento visionário e exequível?

Convém apreciar o livro de José Eli da Veiga neste contexto difícil e confuso. Em quatro capítulos densos e eruditos, fruto de leituras bem escolhidas e de reflexão original, o autor discute os conceitos de desenvolvimento e de sustentabilidade e as diferentes maneiras de sua mensuração. Conclui, como era de se esperar, pela defesa do conceito de desenvolvimento sustentável como utopia para o século XXI, postulando a necessidade de buscar um novo paradigma científico, capaz de se substituir ao industrialismo.

Concordo com o autor de que necessitamos de novos paradigmas, já que estamos sentados sobre as ruínas do socialismo real, do Consenso de Washington, do crescimento econômico socialmente perverso por se alimentar de desigualdades crescentes, da social-democracia, que foi longe demais na aceitação da *economia de mercado*, um conceito que J. K. Galbraith considera com razão como totalmente inócuo e por isso tão difundido. Em paralelo, devemos superar as barreiras que hoje separam as diferentes disciplinas do saber, caminhando para a *eco-socio-economia* proposta por William Kapp.

Mas estes já são temas para um novo livro, que os leitores deste têm o direito de esperar de José Eli da Veiga.